

1120739

CIDADE ABERTA



PEDRO MAIA

Os táxis de ontem e de hoje em Vitória

Durante muito anos, táxis aqui na nossa Vitória do Espírito Santo foram chamados de carros de praça, pois possuíam pontos fixos, não rodavam pela cidade. Naquela época, ficavam estacionados numa praça, onde eram procurados em ocasiões especiais como casamentos ou enterros. Fora disso, só mesmo para prestar socorro em casos urgentes.

Motorista nenhum tinha medo de assaltos, isso não existia na nossa cidade, que ainda era uma província tranquila, com excelente qualidade de vida.

Por esse tempo, a cidade contava com duas praças de carros de aluguel: uma na Costa Pereira e a outra na Praça Oito, quando ali existiam duas ruas que ligavam a Princesa Isabel à avenida Jerônimo Monteiro.

Também havia uma na Volta de Caratoira, onde funcionava (e como funcionava!) a zona boêmia, com suas mulheres, seus malandros e muita gente à procura de luxúria e amor.

Fora desses locais, a plebe rude usava mesmo os velhos ônibus (sucatas vindas do Rio ou São Paulo) e os sempre lembrados carris elétricos, os populares e confortáveis – além de baratos – bondes que, na realidade, eram mesmo um barato!

Nesses tempos que não voltam mais, Vitória fazia jus à célebre citação da saudosa colega jornalista Carmélia M. de Souza dando conta de que nossa ilha era “uma delícia”.

Bem, agora as coisas estão diferentes, o serviço de táxis da Grande Vitória pode se ombrear com os mais modernos

do País. O advento dos radiotaxis, que começaram a funcionar no final da década de 80, permitiu atendimento mais rápido, bastando um telefonema à central.

Mais tarde, os telefones celulares substituíram com vantagem esse tipo de serviço que, sem dúvida, dinamizou o setor.

E foi justamente por esse tempo que aconteceu a historinha que vamos passar aos leitores, com a garantia de que se trata de fato verídico.

Um nosso amigo, que trabalhava num escritório no Centro, cos-

tumava ir para o batente em seu próprio carro, que era dirigido pela sua mulher, com a qual era casado há coisa de três ou quatro anos.

Ele ficava no Centro e ela, quando não ia às compras, retornava para casa, voltando à tardinha para buscá-lo.

Pois bem, certo dia o carro do casal foi para a oficina devido a um problema mecânico e nosso amigo recorreu aos serviços de um daqueles radiotaxis.

Ele estava no meio do caminho, enfrentando um dos daquela

época já costumeiros congestionamentos no Centro, quando ouviu no rádio do táxi uma mensagem que lhe chamou a atenção:

“Alô, carros, atenção! Favor buscar no edifício tal, rua tal, na Praia do Canto, a senhora fulana de tal. Trata-se de corrida para a estrada de Jacaraípe e a cliente tem pressa.”

Foi quando nosso amigo ouviu a mensagem que as coisas começaram a se complicar. Afinal, aquele era o seu endereço e a tal cliente, sua mulher!

Ele mandou que o motorista voltasse à sua casa a toda velocidade. E ainda teve tempo de ver sua mulherzinha querida embarcar, toda serelepe, em outro

táxi.

Mandou seguir o carro e, pouco depois, constatou que a mulher entrou em outro veículo, esse particular, que tinha ao volante um seu amigo de infância, que frequentava sua casa e do qual era até compadre. Quando os amantes entravam no motel, o pau comeu...

Claro que os nomes dos protagonistas estão sendo resguardados. Mas eles existem e vivem em Vitória, se bem que legal e civilizadamente divorciados.

São as arapucas da vida!



Motorista nenhum tinha medo de assaltos, isso não existia na nossa cidade, que ainda era uma província tranquila